

**NOTAS SOBRE O VERBO ‘TOMAR’
COMO VERBO-SUPORTE NO PORTUGUÊS ARCAICO**

Maria Regina Pante (UEM)
mrpante@uem.br e mrpante@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os verbos-suporte, também conhecidos como verbos leves, verbos funcionais ou verbalizadores, têm esse nome porque “suportam” as categorias de modo, de tempo, de número e de pessoa. Neves (1996), em pesquisa com *corpora* do português contemporâneo, define esses verbos como “verbos semanticamente vazios que permitem construir um SN com V-n em relação de paráfrase com um SV.”

Segundo a autora, essa relação de paráfrase entre o verbo em construções de suporte e o verbo pleno não é uma condição imprescindível para definir esse tipo de verbo, visto que “não se pode desconhecer que há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples.” (1996, p. 202). Em vista disso, ela estende essa definição e esclarece que esses verbos “são bastante esvaziados do ponto de vista semântico e formam com o seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem outro verbo da língua” (Neves, 2000, p. 53).

O verbo-suporte apresenta conteúdo semântico tênue ou quase nulo e mantém suas propriedades gramaticais de flexão e de concordância. O nome que o acompanha, por sua vez, deixa de funcionar como objeto direto, passa a particularizar o significado e forma um predicado complexo, funcionando como predicante, orientando um evento ou classificando um referente. Para Neves (2006, p. 63), “fica evidente um molde morfossintático bem definido (em que os elementos básicos são um verbo leve e um nome abstrato com responsabilidade na determinação dos papéis semânticos dos argumentos), o qual permanece aberto a um preenchimento extremamente variado”.

Em vários casos, o verbo-suporte admite uma qualificação que não seria possível com verbos plenos, pois o verbo-suporte requer um complemento em forma de SN que admite ser qualificado

diferentemente do SV. Para concluir, Neves (2000, p. 53) aponta que a substituição de um verbo pleno pelo verbo-suporte permite uma maior versatilidade semântica, ou seja, é possível, com seu emprego, a adjetivação do nome complemento do verbo-suporte, ora qualificando-o (*tomar atitudes autoritárias*, em vez de *agir autoritariamente*), ora classificando-o (*dar a opinião pessoal*, em vez de *opinar pessoalmente*), entre outros efeitos. Acrescente-se a isso o fato de o verbo-suporte permitir a detransitivização do verbo pleno, prescindindo-o de seus argumentos.

Além dessa autora, outros pesquisadores se voltam para as construções com verbo-suporte no português brasileiro, como Vieira (2001) e Scher (2004). No francês, destacam-se Chaurand (1983) e Giry-Schneider (s/d). Apesar disso, não são muitas as pesquisas realizadas com *corpora* recuados. Chacoto (1997) e Ranchhod (s/d) pesquisaram *corpora* medievais da língua portuguesa, buscando objetivos semelhantes: abordagem de verbos-suporte na fase arcaica da língua. Mattos e Silva (2002), em análise de obras de João de Barros, descreveu o emprego variável dos verbos *ter* e *haver* em estruturas que expressavam noção de posse no português do século XVI. Como se vê, são pesquisas pioneiras que envolvem documentos de sincronias recuadas do português.

João de Barros (1971[1940]), a propósito do verbo *haver*, faz o seguinte comentário:

Temos mais este verbo [h]ei, [h]ás que é de genero diverso pelo officio que tem. Quando se ajunta com nome soprimos muitos verbos da língua latina que a nossa não tem: [h]ei vergonha, [h]ei medo, [h]ei frio e outros muitos significados que tem quando ô ajuntamos a nomes substantivos desta calidade.” O gramático daria a esses verbos o nome de “verbos neutros”.

Barreto (1924), por sua vez, menciona a existência de “verbos conglomerados”, ou seja, verbos formados pela junção de um verbo e um acusativo especial.

Ranchhod (s/d) alega que pesquisas em fases recuadas da língua portuguesa permitem confirmar que essas construções com verbos-suporte “fazem parte do património sintáctico do português”. A autora acrescenta que as diferenças entre o português arcaico e o atual, principalmente no que tange à ordem dos constituintes (SN anteposto ao verbo-suporte), à intercalação de elementos entre os consti-

tuintes desse tipo de construção e as diferenças no inventário dos verbos plenos e respectivas construções-suporte não distanciam essas construções daquelas registradas na fase atual do português.

Em vista dessa escassez de trabalhos com verbos-suporte no português arcaico, esta pesquisa visa à ampliação dos estudos desses tipos de construção para as pesquisas em descrição linguística em uma perspectiva diacrônica.

CORPORA E ANÁLISE DOS DADOS

Utilizamos, para esta análise, ocorrências retiradas da *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses* (CDPM - XV) e da *Cronica de el-rei D. Pedro I* (CDP - XIX). Escolhemos essas duas diacronias para verificarmos se a frequência do verbo tomar nessas construções sofreu um decréscimo, como atesta Chacoto (s/d, p. 76), “‘Tomar’ ainda hoje ocorre como verbo-suporte em construções como ‘tomar uma bebida’, equivalente a ‘beber’, mas o seu parece menos frequente.”

Retomando as características básicas dos verbos-suporte no português contemporâneo, eles não impõem restrições de seleção, têm valor semântico esvaziado, carregam, morfológicamente, as marcas da flexão verbal, permitem maior versatilidade semântica e a redução da valência verbal (detransitivização), ou seja, é possível omitir os argumentos do verbo nas situações em que este os requer quando pleno.

Devido à brevidade deste artigo, selecionamos apenas algumas ocorrências que apresentavam, na mesma obra, verbos plenos correspondentes, ou seja, descartamos as ocorrências de predicados nominais autônomos. Um exemplo desse tipo de predicado, encontrado em outra obra, é *tomar sono*, para o qual não há, pelo menos nas obras consultadas, correlato semântico constituído por verbos simples. Há, todavia, como atesta Neves (1996, p. 202), a correlação semântica com outro(s) verbo(s) na língua, já naquela fase, como *adormecer* e *dormir*, ambos registrados na obra em que encontramos *tomar sono*.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

Em alguns casos, quando o nome predicativo está ligado morfológica e semanticamente ao verbo pleno e essas duas construções se equivalem sintaticamente, temos um nome deverbal como núcleo da predicação (V - n) e constrói-se uma relação de nominalização entre V-n e verbo pleno (ex.: *fazer relaxamento - relaxar*), processo extremamente produtivo para a ampliação do léxico.

Assim, nos *corpora*, a construção *tomar vingança* em (1) apresenta o nome predicativo *vingança* (em relação de nominalização), qualificado pelo sintagma *aquella crua*,

(1) E vyram **tomar** aquella crua **vingança**... (CDPM)

cuja construção com o respectivo verbo pleno não permite essa determinação: *E vyram vingar-se cruamente*, pois o escopo de incidência deixa de ser o nome para ser o verbo, além do emprego do pronome anafórico *aquella*, que retoma claramente algo anteriormente mencionado.

Em (2), a construção correspondente com o verbo pleno *vingar* traz o verbo seguido imediatamente pelo seu argumento:

(2) ...nunca çessou de trabalhar por **vingar** a morte daquele que ho gerou... (CDPM)

Da mesma forma, a construção *tomar ousio* em (3):

(3) ...vede como nos vem afastando pouco e pouco d'açerca da cidade E **tomando** tamanho **ousio** como vedes... (CDPM)

é determinada pelo adjetivo *tamanho*, o que não seria possível se a construção fosse *E ousando como vedes*....

(4) ...estes danados não ham-de **ousar** de se vyr meter amtre nos... (CDPM)

(5) ...os mouros rreçearao e non **ousaram** chegar a cidade... (CDPM)

Outros exemplos são as construções *tomar temor* e *tomar receio*, em CDPM, e *tomar medo*, em CDP, todas com verbos plenos correspondentes:

(6) ... Amigos, jaa me parece que nos nossos ymigos vão **tomando temor**. (CDPM)

(7) ...**temeo** que porventura estevessem outros mouros emcubertos... (CDPM)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(8) ...caa se poseran en haz e começaram de tyrar, de que os mouros tomaran rreço. (CDPM)

(9) ...porque rreçarão o que he de temer... (CDPM)

(10) ...nem rreçava de dar hũ mouro de gramde rredymção por hũ muito pobre cristão... (CDPM)

(11) E soube-o Leonor Nunez, e tomou mui grão medo. (CDP)

(12) Dês que me este homem deu uma punhada e me depennou a barba, sempre me temi d'elle... (CDP)

Em (6), ocorre a redução da valência verbal, pois, com o verbo pleno, não é possível omitir o argumento do verbo: *Amigos, jaa me parece que nos nossos ymigo vão temendo*.

Em (8), a substituição pelo verbo pleno *recear* exige um objeto direto como argumento do verbo; o nome *receio*, por sua vez, requer um complemento nominal, ou seja, a exemplo do que ocorre no português contemporâneo, na construção com verbo-suporte o nome predicativo passa a determinar os papéis semânticos dos argumentos.

Em (11), assim como em (6), a construção particulariza o significado da construção e adjetiva o nome complemento do verbo-suporte: *tomou mui grão medo*, fato que não é possível com o verbo pleno: *E soube-o Leonor Nunez, e temeu*.

O cotejo entre as construções com verbo-suporte e as demais com verbos plenos vislumbra o que hoje ocorre com o português: a possibilidade de caracterização aspectual com o verbo-suporte. De fato, segundo Ranchhod (s/d),

Vários verbos (...) quando combinados com um nome predicativo, perdem as suas propriedades distribucionais para adquirirem o estatuto de variantes aspectuais e estilísticas dos verbos-suportes elementares (...).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das ocorrências do verbo *tomar* como verbo-suporte em apenas duas crônicas pertencentes aos séculos XV e XIX permitiu-nos atestar que essas construções a) eram frequentes na fase arcaica do português, mas sofreram um decréscimo nos séculos posteriores; b) já eram usadas, como hoje, para qualificar o nome predicativo, detransitivar o verbo e dar um matiz aspectual ao evento.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

Confirmou, também, a existência de um modelo morfossintático bem definido ($V_{sup} + N$), o qual, muitas vezes, está em relação de nominalização com um verbo pleno, o que confirma, também, que se trata de uma construção geradora de nominalizações, processo extremamente enriquecedor para o léxico da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. de. *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor de nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Edição de Maria Leonor Buescu, Lisboa: Faculdade de Letras.

CHACOTO, L. Predicados nominais com o *fazer* no português medieval. In: *ACTAS do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga-Guimarães, 1996, p. 69-77.

GIRY-SCHNEIDER, J. *Le noms construits avec faire: compléments ou prédicats?* Disponível em [www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_00238368_1986_num_69_1_6362?](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_00238368_1986_num_69_1_6362?Prescripts_Search_isPortletOuvrage=false) Prescripts Search isPortletOuvrage=false. Acesso em 10/10/07.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCK, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Unicamp, Fapesp, 1996, p. 201-231.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ADA no português do Brasil*. Campinas: Instituto de Estudos de Linguagem, Unicamp, 2004 (Tese de Doutorado).

RANCHHOD, E. M. Construções com nomes predicativos na Crônica Geral de Espanha de 1344. Disponível em <http://label.ist.utl.pt/publications/docs/Cintra.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VIEIRA, M. dos S. Estruturas com verbos funcionais em textos jornalísticos brasileiros e portugueses. *Anais do 4º encontro do CelSul*. Curitiba: 2001, p. 583-590.

VIEIRA, M. dos S. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 362 fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, 2001.